

O RACISMO CIENTÍFICO NO BRASIL E OS IDEAIS DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Laene da Silva Abade (PIBIC/CNPq/FA/Uem), RoselaniaFrancisconi Borges (Orientador), e-mail:roselaniafborges@uol.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do CNPq/CAPES

Área: 7.00.00.00-0 Ciências Humanas

Subárea: 07.00.00-1 Psicologia

Palavras-chave: racismo científico, eugenismo, liga brasileira de higiene mental.

Resumo

O objetivo deste trabalho foi explorar as aproximações e os distanciamentos do ideário da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) com o racismo científico buscando refletir sobre possíveis ressonâncias na contemporaneidade. Trata-se de um estudo bibliográfico exploratório que teve como fontes primárias os arquivos de produção teórica da Liga Brasileira de Higiene Mental denominados Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, editado de 1925 a 1947 e o periódico denominado Boletim de Higiene Mental, editado de 1929 a 1931. Foram analisadas ainda fontes secundárias compostas por publicações em formato de artigos científicos nacionais publicados na base de dados SciELO, bem como em formato de livros que tratam da temática em tela. Conclui-se que as interfaces entre os ideários da LBHM são perpassadas pela estrutura dominante, gerando desigualdades sociais que refletem nas concepções e práticas dos indivíduos até os dias atuais, afetando principalmente aqueles considerados degenerados, que atualmente sofrem com o chamado racismo estrutural.

Introdução

Após a abolição da escravatura (1888) e a consequente independência do Brasil (1889), surgiram no final do século XIX e início do século XX inúmeros movimentos de cunho científico e social que buscavam a melhoria e desenvolvimento do país. Em muitos destes movimentos estavam presentes os ideários da eugenia e da higiene mental. Nesse contexto de mudança de séculos, o mundo vivia um movimento de intensa industrialização e amplificação da economia, tecnologia e urbanização. Permeados até então por um ideal positivista de ordem, progresso e racionalidade, os estudiosos da época buscavam um ideal de modernidade através da ciência para explicar as profundas desigualdades e doenças que perpassavam o país

pautando-se para isso na “ciência da boa geração”, desenvolvida por Francis Galton (1822-1911) (ARCHIVOS, 2020). Nesse compasso, em pouco tempo o movimento eugênico se transformou em campanha nacionalista beligerante contra negros e imigrantes não europeus, classificados como raças inferiores. É nesse contexto histórico que, em 1923, ocorre a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). Fundada no Rio de Janeiro, pelo psiquiatra Gustavo Riedel (1887-1934), que colaborou diretamente para a propagação de tal ideário (ARCHIVOS, 2020). Nesse sentido, ao longo de todo o século XX e neste início de século XXI, tal questão esteve sempre presente na pauta da sociedade demonstrando índices e repercussões que atestam que a população negra encontra obstáculos diversos para produzir suas vidas em sociedade.

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo bibliográfico exploratório que teve como fontes primárias os arquivos de produção teórica da Liga Brasileira de Higiene Mental, denominados Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, editados de 1925 a 1947 e o periódico denominado Boletim de Higiene Mental, editado de 1929 a 1931. Foram analisadas ainda fontes secundárias compostas por publicações em formato de artigos científicos nacionais publicados na base de dados SciELO, bem como publicações em formato de livros que tratam da temática em tela. As análises foram divididas em três etapas. Na primeira etapa, estas incidiram sobre as fontes primárias denominadas Arquivos Brasileiros de Higiene Mental e Boletim de Eugenia. Na segunda etapa foi feita uma pesquisa bibliográfica exploratória pela qual foram selecionados artigos publicados na base de dados da SciELO – (ScientificElectronic Library Online) sobre o eugenismo e Racismo Científico no Brasil. A busca de artigos em português e publicados em revistas brasileiras, utilizando-se dos seguintes indexadores: racismo científico (24 artigos); Liga Brasileira de Higiene Mental (5 artigos); eugenismo e eugenia (70 artigos), totalizando 102 artigos no periódico. Após o levantamento e seleção dos artigos, foram selecionadas ainda publicações complementares (livros, capítulos de livros, dissertações, teses, etc), que também formaram as fontes secundárias, de acordo com os objetivos do presente estudo. Por fim, na terceira etapa foram desenvolvidas análises que produziram aproximações e distanciamentos entre o ideário da LBHM e as teorias do Racismo Científico, bem como possíveis ressonâncias na contemporaneidade.

Resultados e Discussão

O movimento eugênico brasileiro manifestou-se em todo território brasileiro, por intermédio do aparelhamento da Sociedade Eugênica de São Paulo, a Liga Brasileira de Higiene Mental, a Liga Pró-saneamento do Brasil e periódicos como o Boletim de Eugenia que esses intelectuais, principalmente médicos, veiculavam as suas ideias e formavam grupos que influenciavam o

Congresso Nacional e o Poder Executivo. A Liga Brasileira de Higiene Mental impostar a ideia de que os homens não são naturalmente iguais, isto é, que a humanidade está dividida em raças superiores e inferiores. Desse modo, intentavam dar um direcionamento científico de que não existiria uma igualdade biológica entre os homens (ARCHIVOS, 2020). O Brasil no século XX representava um grande e completo laboratório no qual as raças branca, indígena e preta apresentavam variedades de uma grande mistura étnica. Segundo os eugenistas, o único recurso possível para promover o melhoramento da espécie humana consistiria na multiplicação das famílias eugênicas e na restrição gradual e progressiva das não eugênicas. No entender desse grupo, o sonho de sociedade moderna estava ameaçado por esses indivíduos que possuíam um caráter específico, eram não arianos, cabendo a intelectualidade brasileira através dos cientistas, artistas políticos, médicos e investidores o aperfeiçoamento da raça, a eugenia, que principalmente através da bioantropologia procuravam a “cura” dos considerados desviantes ou delinquentes (BOLETIM, 2020). Por esse ideário, a base investigativa deixava de ser o contexto social e passava a ser o indivíduo, mas enquanto coletividade e nunca individualidade, a estratégia de melhoramento consistia em observar o sujeito, no caso o delinquente e formular leis que relacionassem causa (biotipo) e efeito (crime cometido) (SCHWARCZ, 1993). Degenerado, criminoso nato e inferiormente racial, conceitos diferentes que se referiam ao mesmo sujeito: pobres, negros e indígenas. Essa notoriedade se dá pela visão determinista pautada no racismo científico que perpassa esses discursos (BOLETIM, 2020). No limite, à medida em que esse discurso buscou construir uma suposta identidade nacional pautada na identidade europeia, passou a negar aos sujeitos subalternizados a condição de seres humanos. Nesses ínterims, a colocação de impedimento de colonização por parte dos indígenas e da população negra, nega também o genocídio indígena cometido no Brasil Colônia, bem como a escravidão e a retirada dos africanos de maneira forçada de suas terras.

Conclusões

Com este estudo foi possível compreender que o conceito de Racismo Científico configurou-se no cenário social brasileiro no final do século XIX e início do século XX amparado na premissa de que “[...] a humanidade está dividida em raças, e seu corolário, a saber, as diferentes raças conformam uma hierarquia biológica na qual os brancos ocupam posição superior” (SANTOS; SILVA, 2018, p. 256). Tal conceito embasou concepções e práticas de diversos setores da sociedade, incluindo as ações da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). As teorias deterministas encontraram um campo fértil para se desenvolver no Brasil e mais do que um anseio pelo branqueamento da população, a questão racial tornou-se uma questão social. O fim do ideário de raças, bem como a superioridade branca caiu, no entanto o racismo, que outrora era aberto, transformou-se em algo velado. O

racismo age de maneira sutil na contemporaneidade, não é necessário se aprofundar em conteúdo para encontrar resquícios da ciência eugenista nos dias atuais. A exemplo disso está o caso ocorrido no dia 19 de junho de 2020, na cidade de Curitiba no estado do Paraná, onde uma Juíza da 1ª Vara Criminal de Curitiba, citou por três vezes a raça de um réu negro para proferir uma sentença que o condenou. Os dizeres “em razão da sua raça” foram utilizados como agravante para a aplicação da sua pena (CARVALHO, 2020). Tais desigualdades não são frutos exclusivos da ciência eugênica, no entanto, é inegável sua contribuição nessas estatísticas, que tornou impossível separar desigualdade social e raça. Do mesmo modo que foi criada uma ciência para supostamente promover a separação dos “bons frutos”, atualmente é necessário o enfrentamento a esse cenário que temos hoje e o desenvolvimento de uma prática que diminua as iniquidades e desigualdades e gere uma sociedade, de fato, igualitária.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha orientadora RoselaniaFrancisconi Borges que, pela perseverança, auxílio e aprendizado nesse último ano, transformou a minha graduação. Agradeço também a Fundação Araucária pela oportunidade e financiamento desta pesquisa.

Referências

ARCHIVOS Brasileiros de Higiene Mental. **Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia**, 2020. Disponível em: <http://old.ppi.uem.br/gephe/index.php/arquivos-digitalizados/14-sample-data-articles/85-arquivos-brasileiros-de-higiene-mental>. Acesso em: 16 ago. 2020.

BOLETIM de Eugenia. **Grupo de Estudos e Pesquisas Higiene Mental e Eugenia**, 2020. Disponível em: <http://old.ppi.uem.br/gephe/index.php/arquivos-digitalizados/14-sample-data-articles/84-boletim-de-eugenia>. Acesso em: 16 ago. 2020.

CARVALHO, Cleide; BERTHONE, Rodrigo. **Juíza cita raça de réu negro em sentença de condenação no Paraná**. Globo.com, 12/08/2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/juiza-cita-raca-de-reu-negro-em-sentenca-de-condenacao-no-parana-24582055.html>. Acesso em: 16 ago. 2020.

SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravidão. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 68, p.253-268, abr. 2018.

SCHWARCZ, L. K. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.